

DISTÚRBIOS DE LEITURA E ESCRITA: as dificuldades na aprendizagem da leitura com pessoas disléxicas

DISORDERS OF READING AND WRITING: difficulties in reading learning for people
with dyslexia

Ana Lourdes dos Anjos Costa*

RESUMO

A leitura é uma atividade que ultrapassa a simples decodificação de signos, é uma das formas essenciais para se obter informação e reflexão, consciência crítica e construção do saber. Cada leitor constrói o seu conhecimento de acordo com sua realidade e suas vivências, desse modo, a leitura é também um processo de produção, que pode acabar recriando saberes e conhecimentos por meio dessa prática. Nesse sentido esta pesquisa explana sobre as dificuldades encontradas por estudantes que têm algum tipo de distúrbios de leitura e escrita. Distúrbios estes que prejudicam o acesso da informação aos mesmos, dificultando o seu bom rendimento. Afirma que vários profissionais estão envolvidos nesse processo, a saber, pedagogos, médicos, oftalmologistas, psicólogos e fonoaudiólogos. Entretanto, porque não inserir dentre estes profissionais o profissional bibliotecário? Analisa o papel do bibliotecário na mediação da informação para disléxicos e quais as reais dificuldades encontradas por ambos nesse processo. Pautada em estudos de D'affonseca, Condemarin; Blonquist, Foucambert, Calafange, Nutti, Freitas, Santos; Navas, dentre outros. Observou-se que, a leitura assume papel relevante no processo de aprendizagem; a falta de informação dificulta que a sociedade compreenda a situação dos disléxicos; ratifica que profissionais bibliotecários precisam compreender sobre o assunto e dentre outros. Encerra-se com reflexão acerca do profissional bibliotecário, no que tange sua interdisciplinaridade, que é um desafio a ser buscado e que é capaz de desempenhar a sua verdadeira missão que é mediar à informação a todos, sem distinção alguma.

Palavras-chave: Distúrbios de comunicação. Dislexia. Leitura. Bibliotecário.

ABSTRACT

Reading is an activity that goes beyond the simple decoding of signs, it is one of the main ways to obtain information and reflection, critical awareness, and knowledge construction. Each reader constructs their knowledge according to their reality and experiences, thus, reading is also a production process that could end up recreating knowledge and expertise through this practice. In that sense, this research explains the difficulties encountered by students who have some kind of reading and writing disorder. These disorders hinder these students' access to information, hampering their satisfactory performance. This research states that several professionals are involved in this process, namely, educators, physicians, ophthalmologists, psychologists and speech therapists. However, why not insert the librarian among these professionals? The research examines the role of the librarian in the mediation of information to dyslexics and what are the real difficulties encountered by both in this process. It is grounded in studies of D'Affonseca, Condemarin, Blonquist, Foucambert, Calafange, Nutti, Freitas, Santos, Navas, among others. It was observed that reading takes important role in the learning process; the lack of information makes difficult for the society to understand the situation of dyslexic; The research ratifies that librarians must understand about the subject and others. It concludes with reflections on the librarians, in terms of their interdisciplinarity, which is a challenge to be sought and who is able to fulfill their true mission of mediating the information to everyone, without distinction of any kind.

Keywords: Communication disorders. Dyslexia. Reading. Librarian.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e escrita são processos complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas, além disso, temos a aquisição da leitura e escrita como fator fundamental e favorecedor dos conhecimentos futuros; é uma ferramenta essencial, ou mesmo a estrutura mestra onde serão alicerçadas as demais aquisições. É apoio para as relações interpessoais, para a comunicação e leitura de seu mundo interno e externo (FREITAS, 2009).

Nesse ensejo esta pesquisa analisa sobre as dificuldades encontradas por crianças que possuem distúrbios de leitura e escrita.

O campo de estudos das dificuldades de aprendizagem é área de pesquisa vasta, entretanto, dentre os transtornos de aprendizagem existentes (dislalia, discalculia, disgrafia, disfasias, memória, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade entre outras) gostaríamos de destacar a dislexia, dada sua singularidade e importância de seu conhecimento para a aplicação de ações eficazes para auxiliar na avaliação e tratamento de pessoas disléxicas. (D’AFFONSECA, 2009)

O foco principal desta análise são as dificuldades apresentadas por crianças disléxicas. Condemarin e Blonquist (1989) afirmam que, o termo dislexia é aplicável a uma situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com que lêem seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional motivação e incentivos normais bem, como instrução adequada.

Pautada em estudos de D’affonseca, Condemarin; Blonquist, Foucambert , Calafange, Nutti, Freitas, Santos; Navas, dentre outros.

A abordagem temática está constituída por um panorama conceitual sobre a compreensão de leitura por alguns pesquisadores. Segue-se com o papel do bibliotecário nesse contexto e suas características anteriores. Discorre sobre os distúrbios de leitura no que tange seu conceito e suas causas. Posteriormente, explana-se sobre as dificuldades na aprendizagem da leitura por pessoas disléxicas. Finaliza com a análise sobre o objeto estudado.

2 LEITURA: uma perspectiva de compreensão

A leitura permeia por várias concepções e muitos pesquisadores já se dedicaram sobre o grau de importância da leitura no cotidiano do homem, de sua ausência e/ou carência, das dificuldades encontradas pelo homem e da exigência cada vez mais presente no que se refere ao desempenho lingüístico do falante. Intensificam-se aqui alguns autores que nos repassam fundamentação conceitual sobre leitura.

Ribeiro (et al, 2009) nos saúda dizendo que, a leitura é o próprio ato de ver, na sua concretude ou representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. A leitura é uma experiência cotidiana e pessoal representativa para cada pessoa. Minha leitura é só minha, incapaz de ser a do outro... A convergência total neste ponto inexistente, e é aí que se encontra o grande encanto da leitura, recheada de tantos outros, mas tão única para um só.

E em uma visão poética e não tão pouco importante à autora completa afirmando que, é por meio da leitura e de nossa visão de mundo, conseguimos o domínio da palavra. Por meio da palavra, trocamos idéias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca. Com o domínio da palavra nós nos transformamos e, ao nos transformar, nos é permitido

construir um mundo melhor. (RIBEIRO *et al.*, 2009).

Em sua reflexão sobre leitura Foucambert (1994) pontua “a leitura como atribuição voluntária de um significado à escrita” e ressalva que ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Analisando a leitura como tudo que permeia a nossa volta, Freire (2006) “afirma que é um processo que envolve a compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. O autor confirma sua tese sobre a leitura do mundo, sendo que esta precede a leitura da palavra.

O ato crítico de ler aparece como uma constelação de atos da consciência do leitor, que são acionados durante o ENCONTRO significativo desse leitor com uma mensagem escrita, ou seja, quando esse leitor se situa concreta e criticamente no ato de ler. É situar-se (isto é, estar presente com e na mensagem) que garante o caráter libertador do ato de ler - o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter, memorizar ou reproduzir literalmente o conteúdo da mensagem indicada pelos caracteres escritos, mas principalmente o compreender e o criticar. (SILVA, 1986).

É interessante que o autor faz a relação com a consciência do homem – leitor. Tal importância significativa e poder sobre a mensagem passada. Podendo ser compreendida e acima de tudo criticada, ou seja, que não fique somente na

decodificação e memorização da mensagem e sim na interpretação dela.

Diante desses conceitos anteriormente citados, observa-se que há uma preocupação generalizada em dizer que a leitura é uma atividade necessária. Sendo assim de extrema importância para o cotidiano do homem. Onde este deve ter consciência de seus atos, podendo entender e acima de tudo interpretar aquilo que está registrado. E que a leitura é altamente subjetiva.

É é nesse ensejo, na subjetividade da leitura que o homem se apropria do texto lido e constrói o seu próprio entendimento sobre tal. É o que Silva (2006) chama de *leitura crítica*. E comenta que,

A leitura crítica sempre leva à produção ou construção de um outro texto: o texto do próprio leitor. Em outras palavras, a leitura crítica sempre gera *expressão*, ou seja, o desvelamento do *ser* leitor. Assim, este tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação passiva de significados evocados; a leitura crítica deve ser caracterizada como um *projeto*, pois concretiza-se numa proposta pensada pelo ser-no-mundo dirigida ao outro e à dinamização da cultura.

O autor enfatiza que a leitura crítica, é uma condição para a educação libertadora, ou seja, a verdadeira ação cultural que deve ser implantada nas escolas e também em bibliotecas.

É pertinente dizer que o gosto pela leitura resulta de práticas de leitura, como ressalta Silva (1986) ao caracterizar a leitura em três propósitos básicos, a saber: informação, conhecimento e prazer. A *leitura informacional* tem o objetivo de acompanhar o fato no contexto ao qual se está inserido. O que geralmente o leitor utiliza todos os dias para se informar (jornais, revistas dentre outros). A *leitura de conhecimento* está relacionada com objetivos pessoais com do leitor. Alguma pesquisa ou estudo mais aprofundado, uma

análise mais específica sobre o assunto. E a *leitura de prazer estético* está mais ligada à descontração, permitindo o leitor se apropriar de conhecimentos diversos (uma poesia e outros textos literários).

2.1 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NESSE CONTEXTO

Antigamente o bibliotecário era chamado de ‘guardião do saber’, principalmente no período medieval, onde os bibliotecários possuíam todo o poder sobre as bibliotecas e principalmente sobre os livros nela contidos. Conforme reflexão de Baptista e Brandt (2006), a imagem do bibliotecário medieval – entendendo bibliotecário como quem ‘cuidava’ de livros, já que nessa época não havia a profissão regulamentada – nos remete a figurada do clérigo, seja ele um monge ou qualquer outro homem de Deus,[...] já que as bibliotecas eram praticamente todas encontradas em mosteiros, igrejas e instituições religiosas medievais quaisquer que fossem elas.

O bibliotecário é um guardião desse **patrimônio** e que, de posse de instrumentais teóricos e tecnológicos, pode contribuir para desterritorializações do acervo sob sua custódia, através do uso da informática e da digitalização. (CASTRO, 2006)

Segundo essa visão do bibliotecário como guardião do saber/ da informação, nos permite relacionar com uma pessoa fechada, detentora do saber absoluto. Pois o mesmo era condicionado à proteção dos livros existentes em uma biblioteca.

Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber.[...] Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontra-los e onde guarda-los, somente ele é responsável pela sua conservação.[...]

somente o bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua **inacessibilidade**, que tipo de segredos, de verdade ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e se deve fornecer-lo ao monge que o está requerendo [...] (ECO, 2003 apud BAPTISTA; BRANDT, 2006)

Verifica-se claramente a responsabilidade que era dada a esse profissional. Como evidencia Eco em seu romance, onde aborda a questão do bibliotecário na Idade Média. O livro como algo inatingível. Como “propriedade” sua. , o bibliotecário detém poder.

Contudo esse profissional tem a posse dos livros, entende-se mediante isso que o mesmo é capacitado de conhecimento. Um profissional culto. Possuidor de todas as informações possíveis. O chamado hoje em dia de profissional da informação, gestor da informação. Dentre muitas designações identificadas ao longo do tempo.

Mediante sucinto histórico sobre o bibliotecário, percebe-se que por um tempo este ‘possuía domínio’ exclusivo sobre os livros no que se faz necessário estabelecer a relação de bibliotecário-leitor.

Moura (2004) nos relata que, a leitura é considerada, por assim dizer, o cerne das ações profissionais do bibliotecário. Em função da compreensão desse fato, tornou-se natural o estabelecimento de uma conexão, quase direta, vinculando bibliotecários e leitura. Contudo se, do ponto de vista do senso comum, tal relação parece incorporada ao cotidiano, sua efetivação nos espaços concretos do exercício profissional não ocorre sem um elevado grau de complexidade. Apesar da consolidação histórica quanto ao papel social dos bibliotecários, estes não são, necessariamente, previstos como leitores preferenciais na instância gerativa dos textos.

É importante que o bibliotecário desenvolva atividades importantes no apoio do processo de aprendizagem. Sendo necessário que este saiba organizar espaços de acesso e estimular o uso da informação seja esta visual, auditiva, não verbal, textual ou impermeável. Promover espaços dinâmicos e interativos e atividades para poder sobreviver na era do conhecimento, no qual tanto o acesso quanto o uso da informação nas dimensões do tempo, espaço e velocidade é o diferencial. (FAQUETI; BLATTMANN, 2004)

Assim, não basta que o bibliotecário trabalhe na difusão de uma informação indistinta ou desqualificada: é necessário que o bibliotecário procure difundir a informação crítica. Informação crítica é aquela que não permanece só ao nível da representação da realidade, mas provoca o leitor a imaginar como essa realidade poderia ser de outra maneira. Informação crítica é aquela que, estando a serviço das necessidades concretas da população gera conhecimento e instiga a abertura de caminhos e de espaços para a transformação dos valores e das práticas sociais.

É necessário que o bibliotecário assuma de vez e definitivamente a dimensão política educativa do seu trabalho, colocando-se como um co-responsável na formação de leitores críticos. Não basta que existam bibliotecas repletas de informações qualitativas e críticas; há também que se *dinamizá-las criticamente* através da invenção de mecanismos participativos e democráticos. Parece-me que somente através do descongelamento da imaginação criadora dos bibliotecários, as parcas bibliotecas existentes neste país podem sair do seu ofuscamento comunitário. E isso de forma alguma significa negar competências técnicas, próprias da biblioteconomia; significa isto sim, refletir criticamente sobre essas competências, assumir explicitamente a dimensão sócio-educativa do trabalho biblioteconômico e descobrir as formas pelas quais as práticas de leitura no âmbito da biblioteca se amarram

ao projeto de libertação das classes oprimidas. . (SILVA,1986)

O autor caracteriza a ação do bibliotecário como uma ação fundamentalmente educativa. Chamados de agentes de mediação das práticas educativas, conhecimentos estes advindos da pedagogia que podem reforçar as orientações passadas aos leitores, aumentando o grau de compreensão dos mesmos.

3 DISTÚRBIOS DE LEITURA E ESCRITA

NUTTI (2009) afirma de acordo com a definição estabelecida em 1981 pelo National Joint Committee for Learning Disabilities (Comitê Nacional de Dificuldades de Aprendizagem), nos Estados Unidos da América que,

Distúrbios de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de alterações manifestas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo e presumivelmente devidas à disfunção do sistema nervoso central. Apesar de um distúrbio de aprendizagem poder ocorrer concomitantemente com outras condições desfavoráveis (por exemplo, alteração sensorial, retardo mental, distúrbio social ou emocional) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente/inadequada, fatores psicogênicos), não é resultado direto dessas condições ou influências.

Conforme Schlünzen (2009) são listados a seguir, as principais causas das dificuldades de aprendizagem:

- a. **causas físicas** – são aquelas representadas pelas perturbações somáticas transitórias ou permanentes. São provenientes de qualquer perturbação do estado físico geral da criança/ como por

exemplo: febre, dor de cabeça, dor de ouvido, cólicas intestinais, anemia, asma, verminoses e todos os males que atinjam o físico de uma pessoa, levando-a a um estado anormal de saúde.

- b. **causas sensoriais** – são todos os distúrbios que atingem os órgãos dos sentidos, que são os responsáveis pela percepção que o indivíduo tem do meio exterior. Qualquer problema que afete os órgãos responsáveis pela visão, audição, gustação, olfato, tato, equilíbrio, reflexo postural, ou os respectivos sistemas de condução entre esses órgãos e o sistema nervoso, causará problemas no modo de a pessoa captar as mensagens do mundo exterior e, portanto, dificuldade para ela compreender o que se passa ao seu redor.
- c. **causas neurológicas** – são as perturbações do sistema nervoso, tanto do cérebro, como do cerebelo, da medula e dos nervos. O sistema nervoso comanda todas as ações físicas e mentais do ser humano. Qualquer distúrbio em uma dessas partes se constituirá em um problema de maior ou menor grau, de acordo com a área lesada.
- d. **causas emocionais** – são distúrbios psicológicos, ligados às emoções e aos sentimentos dos indivíduos e à sua personalidade. Esses problemas geralmente não aparecem sozinhos, eles estão associados a problemas de outras áreas, como por exemplo da área motora, sensorial etc.
- e. **causas intelectuais ou cognitivas** – são aquelas que dizem respeito à inteligência do indivíduo, isto é, à sua capacidade de conhecer e compreender o mundo em que vive, de raciocinar sobre os seres animados ou inanimados que o cercam e de estabelecer relações entre eles.

- f. **causas educacionais** – o tipo de educação que a pessoa recebe na infância irá condicionar distúrbios de origem educacional, que a prejudicarão na adolescência e na idade adulta, tanto no estudo quanto no trabalho. Portanto, as falhas de seu processo educativo terão repercussões futuras.
- g. **causas sócio-econômicas** – não são distúrbios que se revelam no aluno. São problemas que se originam no meio social e econômico do indivíduo. O meio físico e social exerce influência sobre o indivíduo, podendo ser favorável ou desfavorável à sua subsistência e também às suas aprendizagens.

Todas essas causas originam distúrbios, que irão se constituir diferentes problemas de aprendizagem.

As dificuldades de leitura implicam normalmente uma falha no reconhecimento, ou a compreensão do material escrito. O reconhecimento é o mais básico dos processos, já que o reconhecimento de uma palavra é prévio a sua compreensão. [...] As dificuldades de aprendizagem em escrita podem se manifestar por confusão, inversão, transposição e substituição de letras, erros na conversão símbolo-som, ordem de sílabas alteradas, lentidão na percepção visual, entre outros. Essas dificuldades podem se manifestar em áreas distintas como ao soletrar ou escrever uma palavra ditada. [...] A escrita, assim como a leitura, consiste em um conjunto de habilidades complexas, cujo processo requer que o indivíduo opere em diversos níveis de representação, sem deixar de lado o motor. Para ler e escrever é necessário que o sujeito possua a capacidade de realizar correspondências entre fonemas e grafemas. [...] Assim, ler e escrever relacionariam duas significações e seriam interdependentes, pois a primeira levaria à segunda e vice-versa (ZUCOLOTO; SISTO, 2002).

Os distúrbios de leitura e escrita em seu conceito básico possuem diversas definições, pois o seu assunto está relacionado com várias áreas. Tendo como

profissionais de interessados nesse assunto pedagogos, médicos, oftalmologistas, psicólogos e fonoaudiólogos. Mediante esta diversidade de profissionais, o seu conceito irá depender do modo como cada um define sua abordagem.

A primeira descrição de um caso de distúrbio de leitura foi apresentada em 1896 por W. Pringle Morgan, um médico inglês que descreveu um jovem brilhante de quatorze anos, rápido em jogos, mas que tinha grande dificuldade para aprender a ler, cujos professores achavam que poderia ser melhor aluno da classe se toda a instrução fosse dada oralmente. Para qualificar esse quadro ele empregou o termo cegueira congênita para a palavra [...] Mas como não havia explicação para as dificuldades do rapaz, conclui que seus problemas deveriam ser de origem congênita (SANTOS; NAVAS, 2004).

Distúrbios de leitura e escrita é uma manifestação referente ao desenvolvimento da linguagem, que se caracteriza pela dificuldade na aquisição e/ou no desenvolvimento da linguagem escrita por crianças que apresentam déficits tanto de decodificação fonológica como de compreensão da linguagem oral e/ou escrita. Embora a manifestação seja mais evidente durante o aprendizado da leitura e da escrita, alguns sinais de dificuldades mais amplas de linguagem podem aparecer já nos anos pré-escolares, como vocabulário pobre, uso inadequado da gramática e problemas no processamento fonológico. (GERBER; WALLACH & BUTLER apud SANTOS; NAVAS, 2004).

Porém foi surgindo várias nomenclaturas para o termo “cegueira congênita”, “dislexia congênita”, “dislexia constitucional”, caracterizada por um déficit no processamento verbal dos sons.

Em meados dos anos 60, a Federação Mundial de Neurologia, usou pela primeira vez o termo “Dislexia do Desenvolvimento” conceituando-a, conforme Teles (2009), como um transtorno que se manifesta por

dificuldades na aprendizagem da leitura, apesar das crianças serem ensinadas como métodos de ensino convencionais, terem inteligência normal e oportunidades socioculturais adequadas.

Em 2003, a Associação Internacional de Dislexia adaptou a seguinte definição:

Dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um Déficit Fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais (TELES, 2009).

A dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem, caracterizada por dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Considerado o primeiro distúrbio específico de linguagem a ser considerado, porque é o mais comum e melhor compreendido distúrbio de aprendizagem da infância. É importante que a criança com dislexia seja avaliada e receba uma intervenção especializada.

4 AS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA COM PESSOAS DISLÉXICAS

As dificuldades na aprendizagem da leitura originam-se na existência de um déficit fonológico. Como explana Teles (2009), para aprender a ler é necessário ter uma boa consciência fonológica, isto é, o conhecimento consciente de que a linguagem é formada por palavras, as palavras por sílabas, as sílabas por fonemas e que os caracteres do alfabeto representam esses fonemas. Entretanto, as crianças com dislexia embora falem utilizando palavras, sílabas e fonemas, não têm um conhecimento consciente destas

unidades lingüísticas, apresentam um déficit a nível da consciência dos segmentos fonológicos da linguagem, um déficit fonológico.

Leitura lenta sem modulação, sem ritmo e sem domínio da compreensão/interpretação do texto lido; confundir algumas letras; sérios erros ortográficos; dificuldades de memória; dificuldades no manuseio de dicionários e mapas; dificuldades de copiar do quadro ou dos livros; dificuldades de entender o tempo: passado presente e futuro; tendência a uma escrita descuidada, desordenada e às vezes incompreensível; não utilização de sinais de pontuação/acentuação gramaticais; inversões, omissões, reiteraões e substituições de letras, palavras ou sílabas na leitura e na escrita, problemas com sequenciações. Essas são apenas algumas das características disléxicas que podem ser observadas nas crianças com dificuldades escolares. Se pudermos dissociar as dificuldades de ler/compreender e escrever corretamente à ausência de problemas intelectuais ou de outro tipo de problemas que possam dar uma explicação alternativa ao problema apresentado, então podemos suspeitar de uma possível dislexia. Numa primeira etapa da aprendizagem, algumas crianças podem apresentar estas características, e esses são considerados erros normais dentro do processo de aprendizagem, é preciso distinguir essas dificuldades das dificuldades disléxicas que são mais profundas, constantes e contínuas. Crianças com expressivas dificuldades de leitura não são necessariamente disléxicas, mas todas as crianças disléxicas têm um sério distúrbio de leitura. (CALAFANGE, 2002)

A identificação e intervenção precoce é uma característica importante no processo de aprendizagem da leitura. Nesse sentido, a identificação das dificuldades é a chave que permite a solução do problema. A identificação, sinalização e avaliação das crianças que emergem esse sintomas, permitem a implementação de programas de intervenção precoce que prevenirão ou minimizarão o insucesso.

O processo de aprendizagem da leitura começa bastante cedo, em muitos casos antes da primária. Estudos recentes comprovam

que as crianças que apresentam dificuldades no início da aprendizagem da leitura e escrita dificilmente recuperam se não tiverem uma intervenção precoce e especializada. Os maus leitores no 1º ano continuam invariavelmente sendo maus leitores, as dificuldades acumulam-se ao longo dos anos. Após os 9 anos de idade, o tempo e o esforço despendidos na reeducação aumentam exponencialmente (TELES, 2009).

A autora ainda afirma que, as crianças disléxicas, além do déficit fonológico apresentam dificuldades na memória auditiva e visual bem como dificuldade de automatização. Os métodos de ensino multissensoriais ajudam as crianças a aprender utilizando mais do que um sentido, enfatizam os aspectos cinestésicos da aprendizagem integrando o *ouvir e o ver*, com o *dizer e o escrever*.

A Associação Internacional de Dislexia promove ativamente a utilização dos métodos multissensoriais, indica os princípios e os conteúdos educativos a ensinar (TELES, 2009)

- a) *aprendizagem multissensorial*: a leitura e a escrita são atividades multissensoriais. As crianças têm que olhar para as letras impressas, dizer, ou subvocalizar, os sons, fazer os movimentos necessários à escrita e usar os conhecimentos lingüísticos para aceder ao sentido das palavras.
- b) os *métodos fonomímicos-multissensoriais* utilizam simultaneamente os diversos sentidos. As crianças ouvem e reproduzem os fonemas, memorizam as lengalengas e os gestos que lhes estão associados ativando assim em simultâneo as diferentes vias de acesso ao cérebro. Os diversos neurônios estabelecem interligações entre si facilitando a aprendizagem e a memorização.
- c) *estruturado e cumulativo*: a organização dos conteúdos a aprender segue a sequência do

desenvolvimento lingüístico e fonológico. Inicia-se com os elementos mais fáceis e básicos e progride gradualmente para os mais difíceis. Os conceitos ensinados devem ser revistos sistematicamente para manter e reforçar a sua memorização.

- d) *ensino direto, explícito*: os diferentes conceitos devem ser ensinados direta, explícita e conscientemente, nunca por dedução.
- e) *ensino diagnóstico*: deve ser realizada uma avaliação diagnóstica das competências adquiridas e a adquirir.
- f) *ensino sintético e analítico*: devem ser realizados exercícios de ensino explícito da “Fusão Fonémica”, “Fusão Silábica”, “Segmentação Silábica” e “Segmentação Fonémica”.
- g) *automatização das competências aprendidas*: As competências aprendidas devem ser treinadas até à sua automatização, isto é, até à sua realização, sem atenção consciente e com o mínimo de esforço e de tempo. A automatização irá disponibilizar a atenção para aceder à compreensão do texto.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa verificou que os distúrbios de leitura e escrita é um dos problemas geralmente encontrados em crianças com em sua fase inicial escolar. Observa-se que a leitura assume papel relevante no processo de aprendizagem, a falta de informação dificulta que a sociedade compreenda a situação dos disléxicos. Ratifica que profissionais bibliotecários precisam compreender sobre o assunto, pois estes ainda estão “fragilizados” sobre a compreensão de distúrbios de leitura e escrita.

A dislexia não deve ser motivo de vergonha para crianças que sofrem dela ou para seus

pais. Dislexia não significa falta de inteligência e não é um indicativo de futuras dificuldades acadêmicas e profissionais. A dislexia, principalmente quando tratada, não implica em falta de sucesso no futuro.

Portanto, a pesquisa afirma que o termo distúrbios de leitura e escrita faz-se mediante a manifestação referente ao desenvolvimento da linguagem, que se caracteriza pela dificuldade de aquisição no desenvolvimento da linguagem escrita por pessoas com déficits tanto de decodificação fonológica como de compreensão da linguagem oral ou escrita.

É relevante destacar que o disléxico possui uma leitura oral de forma lenta, difícil e penosa. Tendo dificuldades em expressar claramente pela fala ou pela escrita. Cometendo erros como inversões de letras, de sílabas dentre outros.

Cabe ao profissional bibliotecário, no que tange sua interdisciplinaridade, atualizar-se sobre os distúrbios de leitura e escrita. A dislexia é uma dificuldade para aprender a ler, ou seja, os bibliotecários poderiam elaborar projetos voltados para as crianças disléxicas. É um desafio a ser buscado pelos bibliotecários. Basta desempenhar a sua verdadeira missão que é mediar à informação a todos, sem distinção alguma.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Sofia Galvão; BRANDT, Mariana Baptista. Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.4,n. esp. p.21-40, 2006.

CALAFANGE, Selene. **Dislexia... ou distúrbios da leitura e da escrita?** Recife, 2002. disponível em: < <http://www.abec.ch/portgues/subsidios-educadores/artigos/categorias/arigos-educ-especial/dislexia.pdf>>. Acesso em 20/03/2009.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **Revista Digital de**

Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.4,n. esp. p.01-20, 2006.

CONDEMARIN, Mabel; BLONQUIST, Marlys. **Dislexia**: manual de leitura corretiva. 3. Ed. Porto Alegre: artes Médicas, 1989.

D’AFFONSECA, Sabrina Mazo. **Compreendendo a Dislexia**. Disponível em: <<http://www.profala.com/artdislexia13.htm>>. Acesso em: 19 de Março 2009.

FAQUETI, Marouva Fallgatter; BLATTMANN, Ursula. Espaços de leituras nas instituições educacionais: reflexões sobre o leitor real e virtual. **Revista Digital da Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.2,n1. p.57-70. jul/dez.2004. Disponível em:<<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/include/getdoc.php?id=98&article=25>>. Acesso em: 18 maio 2009.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREITAS, Tânia Maria de Campos. **O fracasso dos jovens frente ao processo de leitura e escrita**: suas causas, implicações e conseqüências. Disponível em:<<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em:30 Mar. 2009.

MOURA, Maria Aparecida. Leitor-bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade,**Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.9 n.2, p. 158-169, jul./dez. 2004.

NUTTI, Juliana Zantut. Distúrbios, transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem: algumas definições e teorias explicativas. **Psicopedagogia online**. Disponível em:<<http://www.psicopedagogia.com.br>>. Acesso em: 25 mar 2009.

RIBEIRO, Célia et al. **Leitura... O que é leitura? O que é ler?**. Disponível em:<<http://picpedagogia.blogspot.com/2008/06/leitura-o-que-leitura-o-que-ler.html>>. Acesso em: 01 dez.2009.

SANTOS, Maria Thereza Mazorra dos; NAVAS, Ana Luiza G. P. **Distúrbios de leitura e escrita**: teoria e prática. São Paulo: Manole, 2004.

SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya ; SCHLÜNZEM JUNIOR, Klaus.**Distúrbios da aprendizagem**: Biblionline, João Pessoa, n. esp., p. 99-108, 2010.

principais causas das dificuldades de aprendizagem e de ajustamento escolar. Disciplina: Formação de Professores para uma Escola Digital e Inclusiva.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Teoria e prática da leitura: eis o que falta ao nosso bibliotecário. **ExtraLibris**, 2006. Disponível em: <<http://extralibris.org/2006/01/teoria-e-pratica-da-leitura-ezequiel-theodoro-da-silva/>>. Acesso em: 02 dez. 2009.

TELES, Paula. **Dislexia**: como identificar? como intervir?.Revista Portuguesa de Clínica Geral, Lisboa, vol. 20, n^o, p. 1-20,Nov/Dez 2004.

ZUCOLOTO, Karla Aparecida; SISTO, Fermino Fernandes Dificuldades de aprendizagem em escrita e compreensão em leitura. **Interação em Psicologia**, 2002, 6(2), p. 157-166.

Dados de autoria

*Discente do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e petiana do Programa de Educação Tutorial (PET), e-mail: anlu.cat@gmail.com / alcat-1@hotmail.com.